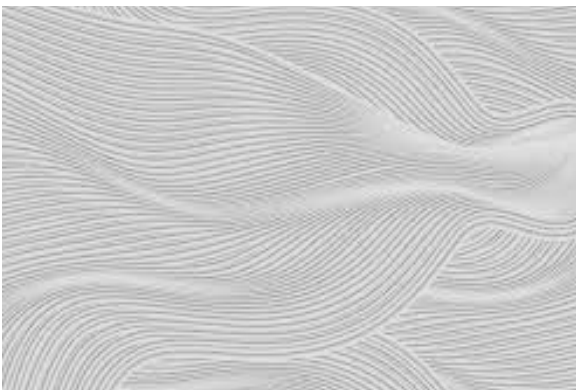


A janela de oportunidade está se fechando e como enriquecer e envelhecer ao mesmo tempo

José Eustáquio Diniz Alves



O IBGE divulgou os dados da população brasileira, por sexo e idade, coletados pelo censo demográfico 2022, para todos os municípios do país. O Brasil está ficando mais idoso e mais feminino. Estas duas tendências estão profundamente interconectadas, pois existe um processo de feminização do envelhecimento populacional. Este fenômeno traz desafios, mas também oportunidades para o desenvolvimento humano e ambiental.

O Brasil está envelhecendo pelo efeito conjunto da queda das taxas de mortalidade e natalidade, que geram uma transição da estrutura etária. Como nascem mais homens do que mulheres, o sexo masculino predomina nos grupos etários mais jovens e as mulheres possuem um peso proporcionalmente maior nas idades mais avançadas. Quanto mais envelhecido for o Brasil, mais feminino será¹.

A tabela abaixo mostra a população brasileira por grandes grupos etários. A população total era de 93,1 milhões de habitantes em 1970 e passou para 203,08 milhões em 2022, aumentando 2,2 vezes no período. A população jovem, de 0 a 14 anos, passou de 39,1 milhões em 1970 para 40,1 milhões em 2022, ficando praticamente do mesmo tamanho, mas diminuindo o último período intercensitário. A população em idade ativa, de 15 a 64 anos, era de 50,9 milhões e passou para 140,8 milhões, um aumento de 2,8 vezes entre 1970 e 2022. A população idosa, de 65 anos e mais de idade, era de 2,95 milhões de pessoas em 1970 e passou para 22,2 milhões de pessoas em 2022, um salto de 7,5 vezes em 52 anos.

¹ O censo 2022 trouxe algumas surpresas que precisam ser mais bem estudadas. O tamanho da população veio aquém do esperado, tanto nas projeções populacionais, quanto no crescimento vegetativo. O envelhecimento e o superávit de mulheres veio acima do esperado. Olhando a pirâmide do censo 2022, parece que existe um déficit de homens jovens. Vamos ver o que a pesquisa de avaliação do censo dirá sobre o tamanho e o significado deste resultado inesperado.

Os idosos de idade mais avançada, aqueles de 80 anos e mais, eram 451 mil indivíduos e passou para 4,6 milhões de indivíduos, decuplicando entre 1970 e 2022. Portanto, o Brasil está passando por um rápido processo de envelhecimento e, ao mesmo tempo, há um envelhecimento do envelhecimento, com o grupo de idosos mais do topo da pirâmide etária avançando de maneira mais veloz. O número de brasileiros com 100 anos e mais de idade chegou a 37,8 mil no censo 2022.

População brasileira total e por grandes grupos etários: 1970-2022

População/ano	1970	1980	1991	2000	2010	2022
Total	93.134.846	119.011.052	146.825.475	169.872.856	190.755.799	203.080.756
0-14	39.121.822	45.452.377	50.988.432	50.316.181	45.941.635	40.129.261
15-64 anos	50.914.785	68.656.479	88.751.196	109.629.649	130.728.561	140.782.394
65 anos e +	2.946.721	4.788.756	7.085.847	9.927.027	14.085.604	22.169.101

Fonte: Censos demográficos do IBGE <https://www.ibge.gov.br/>

A transição demográfica e o envelhecimento populacional

O envelhecimento populacional deve ser interpretado como uma conquista civilizatória. Isto porque, na maior parte dos últimos 200 mil anos – desde o surgimento do Homo sapiens – havia uma estrutura etária bastante rejuvenescida e a expectativa de vida média global raramente ultrapassava os 25 anos.

O custo individual, social e nacional da alta mortalidade é elevadíssimo e incalculável. A vida é o principal direito humano (e também ambiental). Vidas curtas eliminadas pela mortalidade precoce é um atentado aos direitos individuais. A elevada mortalidade infantil é também um atentado aos direitos dos casais e das famílias, uma vez que a morte prematura impõe um alto custo econômico e psicológico aos pais e a todos os familiares. O custo da mortalidade de crianças e jovens é tremendo para qualquer nação que queira atingir a prosperidade e o bem-estar.

Por conta disto, é preciso sempre lembrar que não existe país rico, isto é, país com alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que apresente mortalidade infantil elevada. A queda das taxas de mortalidade do meio da pirâmide populacional para baixo é um pré-requisito para o desenvolvimento social.

Também não custa lembrar que não existe país rico, e no topo do ranking do IDH, com elevadas taxas de fecundidade. O alto patamar do número médio de filhos só se justificava quando as taxas de fecundidade eram mantidas elevadas para se sobrepôr as altas taxas de mortalidade. Aumentando a sobrevivência dos filhos, as famílias puderam trocar o investimento na quantidade de crianças para o investimento na qualidade de vida das novas gerações.

Por conseguinte, a transição demográfica (processo de redução das taxas de mortalidade e de fecundidade) é o fenômeno de mudança de comportamento de massa mais importante da história da humanidade. A conquista da autodeterminação

reprodutiva é essencial para a liberdade de decisão, para a liberdade de iniciativa das pessoas e para superar os preconceitos, a ignorância e os fatalismos. A transição demográfica é um fenômeno por excelência da modernidade e é sincrônica ao processo de desenvolvimento e ao aumento das taxas de urbanização.

Na configuração demográfica antiga, a estrutura etária era muito rejuvenescida, com uma alta proporção de crianças e jovens na população e uma baixa proporção de pessoas em idade produtiva. As mulheres não tinham autonomia e nem grandes perspectivas profissionais, pois, além da alta mortalidade materna, tinham baixa extensão do tempo de sobrevivência e passavam a maior parte da vida dedicadas à maternidade, ao cuidado dos filhos e ao trabalho doméstico familiar. A transição demográfica é uma condição necessária para o empoderamento das mulheres e vice-versa.

O fato é que nenhum país do mundo avançou, em termos econômicos e sociais, com a prevalência de altas taxas de mortalidade e fecundidade. Indubitavelmente, a transição demográfica e o envelhecimento populacional são conquistas civilizatórias inigualáveis.

Dois livros lançados recentemente mostram que a transição demográfica foi fundamental para a elevação da renda per capita e o progresso humano. Os autores Galor (2017) e De Long (2022) indicam que não existia aumento permanente e significativo da renda per capita antes da Revolução Industrial. Eles argumentam que durante a maior parte da existência do *Homo sapiens* as sociedades viveram o fenômeno definido como estagnação malthusiana.

Mas o quadro mudou com o avanço do desenvolvimento econômico e com a transição demográfica. Considerando os últimos 250 anos, a economia global cresceu 156 vezes, a população mundial cresceu 9,1 vezes e a renda per capita cresceu 17 vezes. Em 1772, a população mundial era pouco menos de 900 milhões de pessoas e passou para 8 bilhões de habitantes em 2022. A renda per capita global, em preços constantes em poder de paridade de compra, estava abaixo de US\$ 900 e passou para cerca de US\$ 15 mil, no mesmo período. Este crescimento da população e do poder de compra ocorrido em dois séculos e meio foi muito maior do que o de todo o período dos 200 mil anos anteriores (ALVES, 2022).

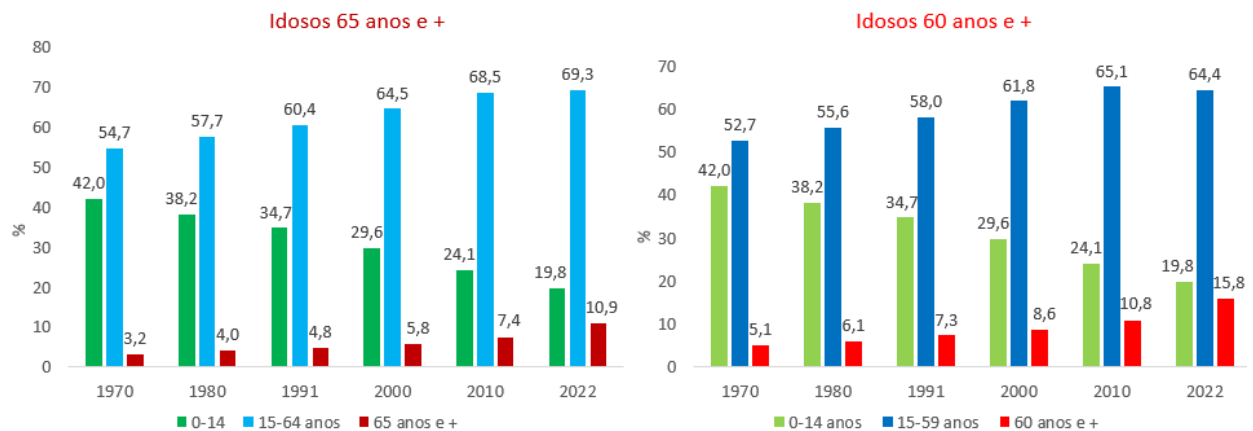
O envelhecimento populacional e o 1º bônus demográfico no Brasil

O envelhecimento populacional começou no Brasil no início da década de 1970 e prosseguiu nas décadas seguintes *pari passu* ao processo de queda das taxas de fecundidade. O mecanismo é simples, a diminuição do número de filhos diminui a base da estrutura da distribuição de idade e sexo e, conseqüentemente, aumenta progressivamente o tamanho proporcional dos grupos etários subsequentes, reduzindo a razão de dependência demográfica e aumentando a proporção de pessoas em idade de trabalhar. O bônus demográfico é o “filho extra” que surgiu com o encolhimento da prole das famílias.

Os gráficos abaixo mostram a percentagem da população brasileira a partir de três grandes grupos: jovens, adultos e idosos, com base nos dados dos censos demográficos do IBGE de 1970 a 2022. No painel da esquerda, se considera os idosos com 65 anos e mais de idade e no painel da direita os idosos com 60 anos e mais. Em ambos os gráficos a população jovem encolheu, a população adulta em idade de trabalhar cresceu no período e a população idosa foi a que apresentou as maiores taxas de incremento.

Considerando o gráfico do painel da esquerda, a população em idade de trabalhar (15-64 anos) atingiu o valor máximo em 2022 com uma percentagem de quase 70% em 2022, a população jovem com pouco menos de 20% e a população idosa com pouco mais de 10%. O que aconteceu com a estrutura etária é que o Brasil tinha praticamente 1 pessoa em idade de trabalhar para cada pessoa dependente em 1970 e passou a ter mais de dois terços ($2/3$) de pessoas em idade de trabalhar para menos de um terço ($1/3$) de pessoas dependentes. Esta mudança na estrutura etária é a base do 1º bônus demográfico, isto é, cresceu a proporção de trabalhadores em potencial e diminuiu a proporção de dependentes em potencial.

Percentagem da população brasileira por grandes grupos etários: 1970-2022



Fonte: Censos demográficos do IBGE

O gráfico do painel da direita difere do anterior apenas pela mudança do tamanho dos dois grupos etários superiores na pirâmide. Se considerarmos os idosos como as pessoas de 60 anos e mais de idade, o grupo 15-59 anos já diminuiu entre 2010 e 2022 e o grupo de idosos (60 anos e +) já se aproxima bastante do tamanho do grupo de jovens (0-14 anos).

Alguns autores consideram que o 1º bônus demográfico acontece quando a população em idade ativa está crescendo mais rápido do que a população total. Utilizando este critério, podemos constatar que o bônus demográfico no Brasil atingiu o seu auge em 2022 pelo painel da esquerda e já chegou ao fim pelo painel da direita, considerando os gráficos acima.

Mas outros autores consideram que o 1º bônus demográfico pode continuar ajudando a economia mesmo no período em que a janela de oportunidade demográfica começa a

se fechar. Neste caso, a variável utilizada para a análise não é a População em Idade Ativa (PIA), mas sim a População Ocupada (PO), pois devemos analisar os “trabalhadores totais efetivos” em relação aos “consumidores efetivos”.

Como mostrei no artigo “Bônus demográfico no Brasil: do nascimento tardio à morte precoce pela Covid-19” (ALVES, 2020), o Brasil pode continuar desfrutando as vantagens do 1º bônus demográfico por mais 10 a 15 anos se conseguir reduzir as taxas de desemprego aberto, se diminuir a população subutilizada no mercado de trabalho, se diminuir as taxas de informalidade e se eliminar a tragédia que é a existência de milhões de jovens brasileiros que nem trabalham e nem estudam (geração nem-nem).

O superávit de mulheres e o bônus demográfico feminino

Além de ficar mais idoso, o Brasil está ficando mais feminino e isto pode ser um trunfo para alavancar o desenvolvimento nacional. O Brasil teve maioria de homens na população durante a maior parte de sua história. Este superávit permaneceu até a década de 1930. Em 1940 houve virtualmente um empate. Mas partir de 1950 o superávit feminino aumentou e ultrapassou 6 milhões de pessoas em 2022.

As razões para a feminização da população brasileira são múltiplas, mas é possível dar uma explicação simples constatando que as taxas de mortalidade das mulheres são bem menores do que as taxas de mortalidade masculinas. Aliás, este fenômeno não é exclusivo do Brasil, pois acontece em todos os países do mundo. O que difere é o padrão e o nível das taxas de mortalidade.

A razão de sexo ao nascer é um fenômeno universalmente favorável aos homens. Ou seja, em todos os países nascem mais homens do que mulheres. Por conta disto, os homens são maioria nos grupos etários mais jovens. Mas as mulheres passam a ser maioria cada vez mais significativa com o avanço dos grupos de idade, pois o sexo feminino possui expectativa de vida superior à dos homens.

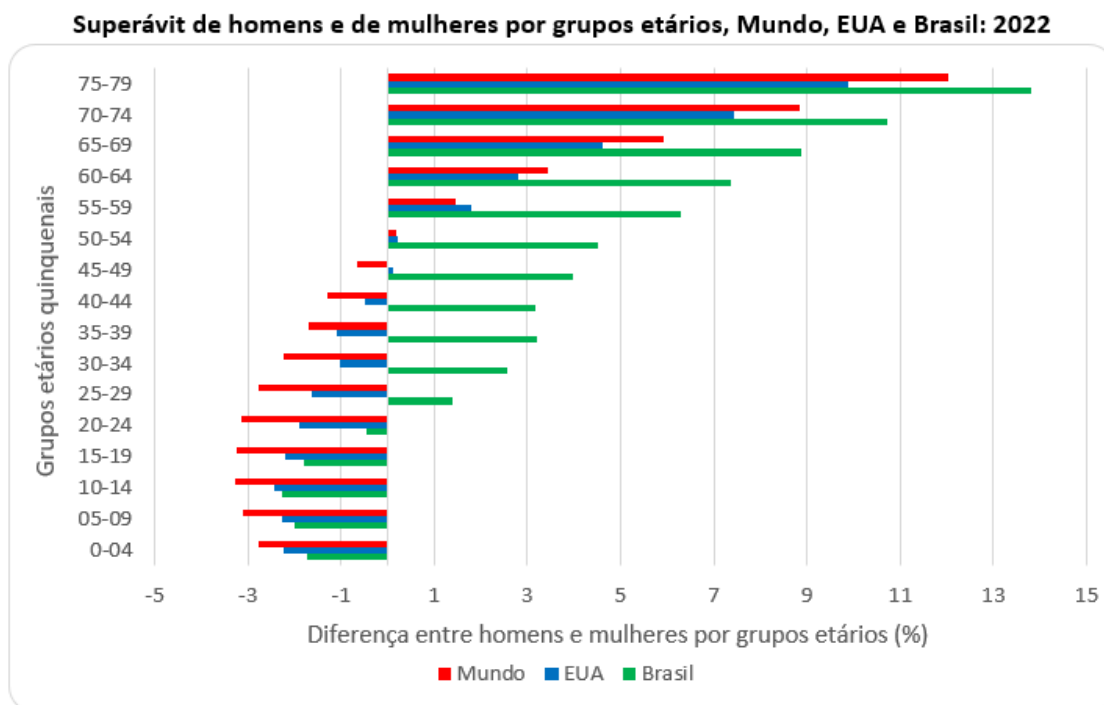
O gráfico abaixo mostra os grupos etários com superávit de homens e com superávit de mulheres para o mundo, os EUA e o Brasil, no ano de 2022. Nota-se que os homens são maioria até aproximadamente o meio da distribuição e as mulheres são maioria na parte superior.

Mas na média mundial os homens são maioria até o grupo etário 45-49 anos e as mulheres passam a ser maioria a partir do grupo 50-54 anos. Nos primeiros grupos etários, no mundo, o superávit masculino está em torno de 3%, enquanto no grupo etário 75-79 anos o superávit feminino é de 12%.

Nos EUA os homens são maioria até o grupo etário 40-44 anos e as mulheres passam a ser maioria a partir do grupo 45-49 anos. Nos primeiros grupos etários dos EUA, o superávit masculino está em torno de 2%, enquanto no grupo etário 75-79 anos o superávit feminino é de 10%.

No Brasil os homens são maioria até o grupo etário 20-24 anos e as mulheres passam a ser maioria a partir do grupo 25-29 anos. Nos primeiros grupos etários brasileiros, o superávit masculino está em torno de 2%, enquanto no grupo etário 75-79 anos o superávit feminino é de 14%. Portanto, quanto mais idoso for o Brasil, mais feminina será a população do país, pois os homens são as principais vítimas da mortalidade por causas externas (acidentes de trânsito, violências e homicídios).

Por conseguinte, o Brasil é bem mais feminino do que a média mundial e mais feminino do que a situação dos EUA. Em 2022, a razão de sexo da população mundial foi de 101, ou seja, havia 101 homens para cada 100 mulheres. Nos EUA a razão de sexo foi de 98, com 98 homens para cada 100 mulheres. No Brasil a razão de sexo foi de 94,2, sendo 94,2 homens para cada 100 mulheres.



Indubitavelmente, as mulheres brasileiras são e continuarão sendo maioria da população e, também, serão parte fundamental de qualquer solução para os problemas nacionais. Além do mais, as mulheres possuem maiores níveis de escolaridade do que os homens, pois são maioria em todos os níveis de ensino, inclusive no mestrado e doutorado.

O sexo feminino obteve inúmeras vitórias nos últimos 100 anos, especialmente depois da conquista do direito ao voto em 1932. As mulheres reverteram as desigualdades de gênero na saúde e na educação e conseguiram reduzir as desigualdades no mercado de trabalho. O grande aumento da quantidade de trabalhadores no Brasil se deve à crescente inserção feminina no mercado de trabalho. Por isto se diz que o bônus demográfico no Brasil é feminino.

Porém, devido à recessão econômica de 2016 e 2017, da pandemia da covid-19 e por conta da segregação ocupacional e da discriminação salarial, a taxa de atividade feminina no mercado de trabalho está estagnada no último decênio e permanece abaixo das taxas masculinas. O Brasil não terá futuro próspero se continuar desperdiçando todo o vasto potencial produtivo da força de trabalho feminina.

O Brasil vai enriquecer antes de envelhecer plenamente?

O Brasil era uma nação rural, pobre e jovem na maior parte dos primeiros 150 anos da Independência (1822-1972). Mas o país foi mudando ao longo do tempo e nos últimos 50 anos passou a ser majoritariamente urbano, de renda média e menos rejuvenescido.

A estrutura etária brasileira começou a mudar no início da década de 1970 e, desde então, tanto a renda per capita, quanto a proporção de idosos aumentou. O desenvolvimento e o envelhecimento são fenômenos sincrônicos da modernidade. Mas a experiência internacional mostra que os países que alcançaram a prosperidade tiveram a riqueza e o bem-estar crescendo mais rápido do que o ritmo da mudança da estrutura etária. No Brasil, os dois vetores estão desenrolando em ritmo disjuntivo, pois o aumento da renda per capita tem seguido uma velocidade inferior ao avanço do envelhecimento populacional.

Isto acende o sinal de alerta, pois o Brasil pode envelhecer antes de enriquecer e ficar eternamente preso na armadilha da renda média. Os países ricos possuem renda per capita, em poder de paridade de compra, acima de US\$ 30 mil e um IDH de no mínimo 0,850. O Brasil está no meio do caminho, pois ainda é um país de renda média (US\$ 15 mil) e tem um IDH de 0,754.

O Brasil precisa dobrar a renda per capita e galgar melhores posições no ranking do IDH. Mas, o 1º bônus demográfico brasileiro termina, no máximo, na próxima década. Sem dúvida, os desafios serão maiores, embora não seja o fim da linha. O país ainda pode contar com o 2º bônus demográfico (bônus da produtividade), uma vez que a redução do volume de trabalhadores pode ser compensada por trabalhadores mais produtivos se houver investimentos adequados na saúde, educação, infraestrutura, comunicação, ciência e tecnologia, etc.

O Brasil pode ainda contar com o 3º bônus demográfico (bônus da longevidade). O aumento do volume e da proporção de idosos pode ter efeitos benéficos para a economia se o país contar com o envelhecimento saudável e ativo, uma vez que o grande contingente de pessoas da terceira idade deve ser encarado como um ativo e não com um passivo.

Os países ricos e com elevado IDH possuem uma estrutura etária envelhecida. Maturidade econômica e demográfica andam juntas. Os países que apresentaram avanço do IDH fizeram isto juntamente ao avanço da transição demográfica e, conjuntamente, ao processo de envelhecimento populacional. Se o Brasil ficou cerca de

500 anos com uma estrutura etária jovem, nos anos 2000 a história será diferente, pois serão “outros quinhentos”. O Brasil vai continuar envelhecendo no século XXI e continuará envelhecido nos séculos seguintes. O que precisa mudar é a mentalidade daquelas pessoas que enxergam os idosos como um óbice ao invés de reconhecer as potencialidades da população da terceira idade.

Por fim, os países mais envelhecidos são aqueles que apresentam menor crescimento de uma economia poluidora e estão conseguindo diminuir as emissões de dióxido de carbono. A transição demográfica e o envelhecimento populacional são fenômenos favoráveis ao meio ambiente.

Sem dúvida, o envelhecimento populacional traz desafios, mas também traz embutido uma derrota da perspectiva global ultra antropocêntrica e pode ser o passo favorável para a construção de um planeta mais ecocêntrico. O mundo precisa prosseguir e aprofundar a transição demográfica diminuindo a Pegada Ecológica e aumentando a Biocapacidade, com mais árvores e menos automóveis, mais árvores e menos consumo conspícuo, mais árvores e menos gente, mais árvores e menor desigualdade social, mais árvores e mais biodiversidade e menores emissões de gases de efeito estufa (ALVES, 2022).

Não podemos pensar o envelhecimento como uma bomba-relógio, mas sim como uma oportunidade para efetivar e capitalizar a experiência e as potencialidades da população do topo da pirâmide etária. Ao longo do século XXI, o Brasil, inexoravelmente, será cada vez mais idoso e mais feminino.

Ao invés de condenar a dinâmica demográfica brasileira, o mais correto é entender e assumir que os idosos e as mulheres não são obstáculos, mas sim partes essenciais das soluções para se construir uma nação próspera, com justiça social e ambiental e com uma sociedade alicerçada nos princípios da liberdade e da felicidade para todas as gerações e para todos os seres vivos da Terra.

Referências

ALVES, JED. Demografia e Economia nos 200 anos da Independência do Brasil e cenários para o século XXI (com a colaboração de GALIZA, F), *ENS*, maio de 2022 [https://ens.edu.br:81/arquivos/Livro%20Demografia%20e%20Economia digital 2.pdf](https://ens.edu.br:81/arquivos/Livro%20Demografia%20e%20Economia%20digital%202.pdf)

ALVES, JED. Crescimento demoeconômico no Antropoceno e negacionismo demográfico, *Liinc em Revista*, RJ, v. 18, n. 1, e5942, maio 2022 <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5942/5595>

ALVES, JED. Bônus demográfico no Brasil: do nascimento tardio à morte precoce pela Covid-19, *R. bras. Est. Pop.*, v.37, 2020 <https://www.scielo.br/pdf/rbepop/v37/0102-3098-rbepop-37-e0120.pdf>

DE LONG. J. BRADFORD. *Rumo à Utopia: uma História Econômica do Século XX*, Livros básicos, 2022

GALOR, Oded. *A Jornada da Humanidade: uma História Econômica do Mundo*. Editora 34, 2017.

Data de recebimento: 25/10/2023; Data de aceite: 29/11/2023

José Eustáquio Diniz Alves - Doutor em demografia e pesquisador aposentado do IBGE. Apresenta seus pontos de vista em caráter pessoal. E-mail: jed_alves@yahoo.com.br. Link do CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2003298427606382>.